

Delectare, movere et docere: retórica e educação no Barroco

Marina Massimi (Departamento de Psicologia e Educação- FFCLPR-USP, São Paulo)
mmassimi3@yahoo.com

Resumo: A articulação entre *delectare, movere et docere* que define o objetivo da retórica antiga e moderna implica desde as origens uma concepção do uso da palavra voltada para a formação do homem e portanto uma estreita conexão da arte retórica com a arte de educar. A análise de manuais que se constituíram em instrumentos essenciais desta formação aponta a existência dessa conexão que se realiza pela capacidade da palavra mobilizar a pessoa em seu dinamismo corporal, psíquico e espiritual. No Brasil, a concepção da função educativa da palavra fundamenta toda a prática missionária dos jesuítas. Esta função é enfatizada levando em conta o caráter oral da cultura e de sua transmissão e a relevância atribuída ao poder da palavra pelas tradições culturais indígenas.

Palavras-chave: retórica e educação; Barroco; história dos saberes psicológicos; cultura brasileira na Idade Moderna

Delectare, movere et docere: rhetoric and education in the Baroque

Abstract: The articulation between *delectare, movere et docere*, which defines the objective of ancient and modern rhetoric has always implied a concept regarding the use of words in the formation of man, and, therefore, it established a close connection between rhetoric art and the art of education. The analysis of handbooks that became essential instruments for this education shows the existence of this connection, which occurs through the ability that words have to mobilize people regarding their body, psychic, and spiritual dynamism. In Brazil, the concept of the educational function of words is the foundation for the complete missionary practice of the Jesuits. Emphasis on this function takes into consideration the oral character of culture and its transmission, and the relevance assigned to the power of words by indigenous cultural traditions.

Keywords: rhetoric and education; Baroque; history of psychological knowledge; Brazilian culture in Modern Ages.

1 – Introdução

A articulação entre *delectare, movere et docere* que define o objetivo da retórica antiga e moderna implica desde as origens uma concepção do uso da palavra voltada para a formação do homem e portanto uma estreita conexão da arte retórica com a arte de educar. Não por acaso estas competências foram amplamente valorizadas e atualizadas pelo Humanismo de modo a constituir-se em importantes alicerces do universo cultural da Idade Moderna.

Na “*idade da eloquência*” - como foi definida a Idade Moderna por Marc Fumaroli¹ - um papel determinante no desenvolvimento desta área foi realizado pela retórica sagrada. Com efeito, o Concílio de Trento atribuía ao ministério da palavra uma função importante na renovação da Igreja como um todo: desde os inícios do Concílio em 1545², o tema da pregação tornou-se central nas discussões dos padres conciliares (RUSCONI, 1981), sendo reconhecida como o principal meio de doutrinação do povo. Em decorrência disto, insiste-se também

na formação pedagógica em retórica nos colégios e seminários³, pois a aquisição desta competência é tida como fator determinante para o desenvolvimento de uma eloquência cristã realmente eficaz e culturalmente significativa enquanto instrumento de transmissão doutrinária junto a populações na maioria das vezes marcadas pela oralidade.

O estudo da retórica espalha-se na Europa, através de várias obras deste gênero, dentre os quais o *Ecclesiasticae Rhetoricae sive de ratione concionandi libri tres* (1576) de Luís de Granada é o mais importante. Na Europa entre 1500 e 1700 foram publicadas cerca de 200 obras dedicadas à retórica sagrada, mas estes conhecimentos serão determinantes também no que diz respeito à prática da pregação na América Latina (PAWLING, 2004) e notadamente no Brasil. O tratado de Granada, por exemplo, comparece com freqüência nas bibliotecas eclesiásticas e das ordens religiosas brasileiras.

2 – Breve análise de dois manuais

A análise desses manuais, que se constituíram em instrumentos essenciais da formação na arte do discurso, tais como o de Luís de Granada OP (1576) e o de Cipriano Soares SI (1580) aponta com clareza a existência das relações entre retórica e educação.

A relação entre retórica e educação é estabelecida por Granada já desde as primeiras páginas do manual de sua autoria concebido para uso didático. Com efeito, na dedicatória da obra, destinada aos estudantes da Universidade de Évora, lê-se que sua finalidade pretende ser a de "tornar seus alunos, insignes pregadores" (GRANADA, 1945, p. 489, trad. nossa). Granada refere-se à autoridade de um autor cristão Agostinho (*De Doctrina cristã*, lib. 4, cap. 3) e de um autor pagão Cícero (*De Oratoribus*, lib. 1, cap. 3), para fortalecer a afirmação de que "a arte do bem falar deve ser aprendida na juventude" e será assimilada com maior facilidade "quanto mais os alunos estiverem imbuídos pelas ciências dialéticas e filosóficas" (ibidem).

O livro trata das quatro partes da retórica: a invenção, a disposição, a elocução, a pronúncia ou ação - parte esta, muito importante pois, sem ela, as demais seriam ineficazes. Quanto à invenção, à qual cabe "o falar sentenças esclarecidas e significativas, acomodadas a um determinado designo", Granada refere-se à importância dos lugares comuns disponibilizados pelas artes dialéticas (extraídos dos livros aristotélicos dos *Tópicos*) e como exemplo de uma rica fonte a ser consultada cita o livro *Institutiones dialecticae* de Pedro da Fonseca. Por sua vez, à elocução "cabe explicar de modo conveniente toda a força da sentença e declarar com as palavras os sentimentos do ânimo, de modo que aquilo que ele mesmo concebe, ao falar o transfonda para os ânimos dos ouvintes". À pronúncia cabe "acomodar a voz, o gesto, e o rosto à coisa dita" (GRANADA, 1945, p. 490, tradução nossa), sendo que a relevância deste recurso é evidenciada por uma observação de teor autobiográfico, escrita no Prólogo, onde Granada declara que, tendo dedicado dez anos de sua vida à atividade de escrever sermões, avaliou o fruto deste trabalho como escasso por descuidar de uma parte importante das funções do pregador: a pronúncia. Sendo a pregação no mais das vezes dirigida à multidão inculta, a qual não concebe as coisas pelo conhecimento intelectual direto, mas conforme o modo em que elas são explicadas e pronunciadas, é necessário que os pregadores fiquem atentos ao fato de que "os ouvintes rudes e imperitos, se você diz a eles algo com força e veemência, também com veemência comovem-se; e deste modo concebem o mesmo afeto que você expressar com palavras, voz e semblante" (ibidem). Pois, o povo "não apenas deve ser convencido com razões, mas também deve ser comovido com afetos, e atraído brandamente com vários modos de dizer e com a elegância da oração" (GRANADA, 1945, p. 491, tradução nossa).

Segundo Granada, a faculdade de "dizer" aprende-se pela arte, pela imitação e pelo exercício, sendo a capacidade de discorrer dada pela natureza à criatura

racional e aperfeiçoada pela prática. Alguns homens são mais dotados pela natureza desta capacidade, mas pela imitação todos podem alcançar o conhecimento da arte do bem dizer. A retórica é definida como "uma arte de bem falar ou uma ciência de falar com prudência e adorno acerca de qualquer assunto" (ibidem), sendo que seu conhecimento proporciona os modelos a imitar. A aprendizagem da arte retórica no tempo converter-se-á em hábito, de modo que se tornará uma "segunda natureza" do orador.

No caso do pregador, o ofício é vivificado pelo sentimento do "divino ardor", ou seja, pela tenção ao objetivo, que é ainda mais determinante quanto à eficácia do que todas as escolas e os preceitos da retórica: aquele que possui este afeto discorre de modo tal que "imprime nos ânimos dos ouvintes aquele afeto que antecipadamente manifesta nele mesmo, com a voz, com o semblante, com o gesto, com a acrimônia e valentia no dizer" (GRANADA, 1945, p. 503, trad. nossa).

Granada retoma a divisão dos gêneros da retórica proposta por Aristóteles e confirmada por Cícero: "*demonstrativo*" (utilizado para louvor ou vitupério de uma determinada pessoa); "*deliberativo*" (a favor ou contra a pronúncia de uma sentença); "*judicial*" (de acusação ou defesa); omite-se o "*judicial*", por não ser de competência dos pregadores.

Sendo que o objetivo do discurso é persuadir pela energia do dizer, é necessário que o discurso ensine, incline e deleite.

As três dimensões da retórica como capacidade de atingir o entendimento (ensinar), de mover os afetos e a vontade (inclinlar), de estimular os sentidos (deleitar) realizam-se nas três partes que compõem toda oração: exposição, argumentação e amplificação. Com efeito, a prática discursiva ou expõe algo, ou comprova algo, ou o amplifica para comover os ânimos. A exposição consiste na narração de acontecimentos reais ou possíveis; a argumentação busca persuadir com argumentos e razões ao tornar crível o que era duvidoso; a amplificação visa excitar o ânimo dos ouvintes à ira, compaixão, tristeza, ódio, amor, esperança, medo, admiração, ou qualquer outro afeto⁴.

Outro compêndio muito utilizado para a formação retórica na Idade Moderna, especialmente nos colégios da Companhia de Jesus, a partir do fim do século XVI, foi elaborado pelo jesuíta português Cipriano Soares: o *De arte rhetorica libri tres* (Coimbra, 1580) é uma espécie de resumo de passos derivados de Aristóteles, Cícero, e Quintilião. O pequeno compêndio, devido ao seu caráter sintético, teve centenas de reedições, alcançando uma ampla difusão na Europa (consta nos currículos de colégios jesuítas italianos, portugueses, espanhóis, flamengos, alemães).

O compêndio que devia ser decorado- conforme preceitos da *Ratio Studiorum* – propõe o método da imitação. Nele,

o ensino da retórica é realizado em chave pedagógica: não se trata de técnica em quanto tal, mas de um "instrumento de formação no qual a palavra com sua potencialidade de comunicação pode alcançar o ser humano colocando nele sementes de transformação" (ZANLONGHI, 2002, p. 199, trad. nossa), baseando-se na concepção ciceroniana da língua, enquanto forma transmitida na qual é preservado o conteúdo herdado da civilização. Segundo Soares, a concepção da palavra – colocada a serviço da verdade, seja no nível do conhecimento, seja no nível ético, – fundamenta um projeto da oratória sagrada rumo à tradição iniciada por Agostinho no *De doctrina christiana* e apoiado na tradição patrística e humanista⁵.

Em seu conjunto, a estrutura do projeto retórico proposto pelo autor jesuíta, tem como alicerces a antropologia filosófica e a teoria do conhecimento aristotélica tomista que inspira o ensino dos Colégios e a formação dos membros da Companhia de Jesus. Trata-se de uma antropologia unitária, contrária ao dualismo entre forma e substância e comporta uma psicologia atenta a descrever e reconhecer as múltiplas interações entre o intelecto e a paixão, entre a racionalidade e a afetividade.

3 – Delectare, movere et docere: retórica, educação e dinamismo pessoal

A conexão entre o uso da palavra educado pela retórica e a formação do ser humano em sua integridade realiza-se pela capacidade da palavra em mobilizar a pessoa em seu dinamismo corporal, psíquico e espiritual. O ser humano é concebido pela antropologia filosófica da época norteada pela visão aristotélico-tomista, como ser corpóreo formado pela alma na sua tripla dimensão de alma vegetativa, sensorial e racional. Em virtude da unidade da alma com o corpo, a esfera pré-racional dos sentidos e dos afetos (pertencente à alma sensorial) interfere profundamente, seja no entendimento, seja na vontade; mas estes, por sua vez, podem agir sobre sentidos e afetos, para orientá-los e discipliná-los.

Desse modo, o *delectare* atinge a sensibilidade e desperta um primeiro nível de intencionalidade do destinatário, ao afetar as potências sensoriais externas e internas (conforme à categorização aristotélico-tomista), o *movere* põe em jogo os afetos e a vontade e o *docere* envolve o entendimento e o livre arbítrio. Nesta concepção, grande importância é atribuída à esfera do sensível, do corporal, e do pre-conceitual, ou seja, dos assim chamados sentidos internos compostos pelo senso comum, a memória, a potência cogitativa (ou imaginativa) e a fantasia. Estes sentidos constituem-se em lugar interior no qual razão e afetividade se unem.

Segundo Soares, a articulação entre palavras e potências anímicas evidencia-se pela própria estrutura da arte retórica, sendo organizada por ele em cinco partes: *inventio*, *dispositio*, *elocutio*, *memória*, *actio*.⁶

A *inventio* e a *dispositio* mobilizam a potência cognitiva (*docere*) e dizem respeito à competência do orador

de escolher e dispor as palavras em discurso de forma racional e adequada ao auditório. Estes dois atos do orador fundamentam-se no postulado da semelhança entre os objetos e as palavras derivado da concepção da inteligência humana própria da filosofia escolástica, segundo a qual a inteligência conhece num duplo plano: o das espécies sensíveis e o das espécies inteligíveis (impressas e expressas). Neste dinamismo psíquico, a transformação do objeto em palavra acontece segundo certa ordem: o objeto suscita na inteligência do sujeito a espécie sensível impressa; esta origina a espécie sensível expressa, ou seja, a imagem (ou *fantasma*) da coisa. Tal reprodução representativa do objeto, por sua vez, cria a espécie inteligível impressa, ou seja, proporciona a assimilação intelectual do objeto pelo intelecto agente, que pode assim reconhece-lo. Finalmente, este reconhecimento produz a espécie inteligível expressa: a formulação do conceito pelas palavras.⁷ A palavra (*oratio*) leva à luz o conceito: *verbum mentis*⁸.

O ato da *elocutio* mobiliza as potências sensoriais e afetivas (*delectare*) sendo concebida como a operação que confere *cor* e em geral dimensão sensorial à linguagem, no sentido de propiciar a inteligibilidade e a intencionalidade da palavra através da valorização da componente sensorial do significante. Na perspectiva aristotélico-tomista, o *verbum mentis* humano necessita sempre de um veículo sensível: a imagem. Portanto, a retórica enfatiza a função de sinal assumida pela imagem, através de processos analógicos e imaginativos⁹.

A palavra encarnada na elocução penetra os ânimos e atinge o plano moral, tornando-se assim ética (*movere*)¹⁰. Portanto, a *elocutio* não deve cuidar do uso da palavra apenas do ponto de vista estético, mas também de sua função moral. Com efeito, a retórica, desde suas raízes clássicas e medievais retomadas pelo humanismo, visa de modo integrado a eficácia no plano estético, gnoseológico, ético e político. A palavra eloquente não apenas veicula a coisa e maravilha pela beleza e pelo engenho das composições metafóricas, mas sugere também comportamentos diante dela. A retórica assim associa a palavra aos sentidos, aos afetos, à razão, à verdade e à moralidade, chamando em causa a liberdade como condição de tal associação.

No que diz respeito à *memória*, cabe lembrar a existência de uma longa tradição retórica de uso da memória como acervo de recursos para a elaboração do discurso: trata-se de fixar, no pensamento, lugares imaginários onde colocar aquilo que deve ser lembrado, de modo que a ordem dos lugares guarde a ordem das coisas, a partir da ordem das imagens em seu acervo. Estabelece-se assim uma correspondência entre coisa, lugar e imagem. A noção de ordem faz com que a memória não seja entendida apenas como mero armazém passivo, mas seja reconhecida como faculdade ativa, dotada de função organizadora, agindo assim em sintonia com a intencionalidade da mente humana (BOLZONI, 2000).

A *actio* é definida como "*eloquentia corporis*" e é nela que acontece a conjunção entre objetos (assimilados pela *inventio* e *dispositio*) e palavras (pronunciadas pela *elocutio*). Segundo Quintilião e Cícero, voz e gesto são importantes canais de comunicação. À voz é reconhecida a capacidade de *movere*. Tal relação entre eloquência e comportamento funda-se no pressuposto de uma continuidade entre a interioridade e os gestos exteriores, numa antropologia que postulando, como vimos a unidade entre a alma e o corpo, acredita que a educação da alma envolva também o corpo¹¹. A retórica propicia assim uma espécie de teatralização da interioridade, em conformidade com uma tendência comum na Idade Moderna de codificar os comportamentos sociais, documentada pela proliferação dos manuais dedicados à conversação civil, às boas maneiras e ao comportamento decoroso.

Em síntese, a articulação entre retórica e educação aqui proposta, fundamenta-se na psicologia e na teoria do conhecimento aristotélico tomista, pela qual "*Nihil est in intellectu quod prius non fuerit insensu*", podendo o homem conhecer somente a partir dos dados sensíveis, obtidos pelos sentidos externos. O dado percebido é processado pelos sentidos internos e, por estes, transformado numa representação (*fantasma*); ao mesmo tempo, mobiliza-se a esfera dos afetos, no sentido de atração, ou de repulsa com relação ao objeto representado.

4 – Delectare, movere et docere em práticas culturais no Brasil da Idade Moderna

No Brasil colonial, a concepção da função educativa da palavra fundamentou a prática missionária dos jesuítas, tendo como pilar o exercício do ministério da pregação, o teatro, os rituais em festas, procissões, cerimônias religiosas e civis. Esta função é enfatizada no contexto brasileiro, levando em conta o caráter oral da cultura da população e a relevância atribuída ao poder da palavra pelas tradições culturais indígenas.

Ao considerarmos a difusão da prática da oratória sagrada e seus agentes no Brasil colonial, e incluindo-se a extensa produção de Padre Antônio Vieira, os jesuítas se destacam como a ordem mais ativa de pregadores, mas não podemos desconsiderar a presença ativa de outras comunidades religiosas, tais como carmelitas, frades menores, capuchinhos, beneditinos. Grande quantidade de sermões são proferidos em Salvador, mas também em outras regiões do país: São Vicente, Espírito Santo, Pernambuco, Maranhão, Paraíba, Rio de Janeiro, Minas

Gerais, São Paulo, Paraná (MASSIMI, 2005). Retomando uma perspectiva comum a Aristóteles, Cícero e Agostinho, os missionários fazem das práticas oratórias juntos aos índios e aos demais moradores da Terra de Santa Cruz, o grande laboratório de experimentação do projeto retórico que acima descrevemos.

Além da pregação, outro lugar de atuação da pedagogia da palavra promovida pela retórica é o teatro. Os vinte autos escritos por José de Anchieta de 1564 até a sua morte, destinados aos nativos e aos colonos, foram redigidos nos três idiomas: português, castelhano e tupi. O teatro apresenta-se assim como um espaço destinado a evidenciar e persuadir: nele, o gesto é unido à palavra visando amplificar sua eficácia e proporcionar uma cena onde o envolvimento entre ouvinte (destinatário) e locutor (ator) seja favorecido. A própria coreografia e a representação tornam-se um 'discurso', capaz de comunicar pelos gestos, imagens etc...para além das diferenças de idiomas e de formação cultural.

Celebrações (festas, exequias e procissões) ocorriam com certa freqüência no Brasil colonial, tendo por objetivo a afirmação do corpo social, político e religioso. Os dispositivos retóricos utilizados nas coreografias, nas danças, na construção de aparatos efêmeros, na exposição das imagens em andores, nos carros alegóricos, visam suscitar a vivência de sensações, sentimentos, pensamentos e posicionamentos que de alguma forma realizam em cada um e no corpo social os efeitos políticos, culturais e religiosos visados. Todas as potências psíquicas dos presentes são mobilizadas pela apresentação do Corpo protagonista da celebração, de modo a captar adesão e integração, podendo deste modo cada um reconhecer-se a si mesmo como parte do organismo material, anímico e espiritual que é a sociedade barroca.

5 – Conclusão

Na Idade Moderna, os objetivos da retórica, *delectare*, *movere* e *docere* são concebidos na perspectiva de uma antropologia unitária que estabelece a continuidade entre alma e corpo, entre voz e gesto, entre pessoa e sociedade, entre dimensão estética e dimensões ética e cognitiva. Desse modo, a prática retórica em suas diversas aplicações (sermões, teatro, representações escolásticas, religiosas e sociais) é entendida como instrumento de estimulação e controle de vivências sensoriais e emocionais, de evocação da memória, de cultivo da prudência e das virtudes, de transmissão do conhecimento.

Referências

- BOLZONI, L. *La stanza della memoria*. Torino, Einaudi, 2000.
- FUMAROLI, M., *L'age de l'eloquence, Rhétorique et res literaria de la Renaissance au seuil de l'époque classique*, Genève, Droz, 1980.
- GIOMBI, S. Retorica sacra in età tridentina. Un capitolo per la storia dei dibattiti sull'imitazione e il ciceronianismo nel Cinquecento religioso italiano, *Rivista di Storia e Letteratura Religiosa*, Firenze, Olschki, a. 35, n. 2, (1999), pp. 279-308.
- GRANADA, L., Obras completas. Em: ARIBAU, B.C., *Biblioteca de autores españoles, Obras de fray Luis de Granada*, tomo 2, Madrid, Real Accademia española, 1945, pp.371-376
- MASSIMI, M. *Palavras, almas e corpos no Brasil colonial*. São Paulo: Loyola, 2005.
- PAWLING, Perla Chinchilla, *De la compositio loci a la Republica de las Letras, Predicación jesuita en el siglo novo hispano*. México, El mundo sobre el papel, 2004.
- RAIMONDI, E., Trattatisti e narratori del seicento, in: *La Letteratura Italiana*, volume 36 , Milano-Napoli, Ricciardi, 1965
- RUSCONI, R. Predicatori e predicazione, in: VIVANI, C. org. *Storia d'Italia*, Annale 4, Einaudi, Torino, 1981 pp. 995-112, (itens 6 e 7).
- SOARES, CIPRIANO, *De arte retorica libri III, ex Aristotele, Cicerone et Quintiliano precipue deprompti, nunc ab eodem recogniti et multis in locis locupletis*, Roma, F. Zanettum, 1580.
- ZANLONGHI, G. *Teatri di formaçao, Actio, parola e immagine nella scena gesuitica del Sei/settecento a Milano*, Milano, Vita e Pensiero, 2002.

Marina Massimi, formada em psicologia pela Universidade de Padova (Itália) em 1979, mestra e doutora em Psicologia pela Universidade de São Paulo, docente junto ao Departamento de Psicologia e Educação da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, Campus de Ribeirão Preto; especialista em história da psicologia e das idéias psicológicas. Entre os livros mais recentes, publicou: *Palavras, almas e corpos no Brasil colonial* (São Paulo, Loyola, 2005); *Um incendido desejo das Índias* (em colaboração com André Barreto Prudente; São Paulo: Loyola, 2002); e *Os olhos vêem pelo coração: Conhecimento psicológico das paixões na história da cultura brasileira dos séculos XVI a XVII* (com Paulo José Carvalho da Silva; Ribeirão Preto: Holos Editora, 2001). Co-editora da revista eletrônica *Memorandum* (Qualis Internacional B; indexada pela Psycho-Info) e Líder do Grupo de pesquisa do CNPq *Estudos em Psicologia e Ciências Humanas: História e Memória*.

Notas

- ¹ Autor do clássico *L'age de l'eloquence. Rhétorique et res literaria de la Renaissance au seuil de l'époque classique* (1980).
- ² Quanto à definição do período tridentino, Giombi (1999) estabelece alguns marcos cronológicos: o término é indicado no texto *De sacris nostrorum temporum orationibus libri quinque* (Milão, 1632) de Federigo Borromeo.
- ³ Na Biblioteca Apostólica Vaticana pudemos encontrar os referidos decretos do Concílio de Trento. Vide especificamente, o *Decretum secundum publicatum in quinta sessione super lectione et praedicatione* aos 17 de junho de 1546 e os artigos 9 e 10 do Decreto.
- ⁴ Outros textos de Granada importantes para nosso tema são: Del conocimiento de si mesmo, em: Memorial de la vida cristiana, in: ARIBAU, B.C., *Biblioteca de autores españoles, Obras de fray Luis de Granada*, tomo 2, Madrid, Real Academia española, 1945, pp.371-376; La fabbrica y partes principales del mundo menor, que es el hombre, em: Del simbolo de la fè, Aribau, 1945, pp.242-271; *Dottrina Spirituale*, Roma, Vulliet, 1608.
- ⁵ Liber I, *Quod sit Rhetorica, quod eius officium et finis*: Capítulo I, p. 1: "Rhetorica est vel ars, vel doctrina dicendi. Ars est, quae dat rationes certas, et praecepta faciendi aliquid, quae habent ordinem, et quasdam errare in faciendo non patientes vias. Dicere est, ornate, graviter, et copiose loqui. Rhetoricae officium est, dicere apposite ad persuasionem: finis persuadere dictione. Ut enim gubernatori cursus secundus; medicus salus, imperatori victoria; ut moderatori Reipublicae beata civium vita proposita est, ut opibus firma, copiis locuples, gloria ampla, virtute honesta sit; sic oratori aliud propositum est, nisi ut dicendo persuadeat."
- ⁶ "Oportet enim primum invenire quid dicas, inventa disponere, deinde ornare verbis, post memoriae mandare, tum ad extreum agere. Inventio est excogitatio rerum verarum, aut verisimilium, quae quaestionem probabilem reddant. Dispositio est rerum inventarum in ordinem distributio. Eloquio est idoneorum verborum et sententiarum ad inventionem accommodatio. Memoria est firma orationis perceptio. Pronunciatio est ex rerum, et verborum dignitate, corporis et vocis moderatio." (Soares, 1580, pp.5-6)
- ⁷ No manual de Soares, no próemio, encontra-se a afirmação de que "*oratio est quasi imago rationis quaedam*": declara-se, portanto, o conexo estreitíssimo entre *ratio* e *oratio*, a partir da etimologia comum das duas palavras na língua grega. Como a língua latina utiliza os termos *oratio* e *ratio*, Soares, coerente com a tradição, define a *oratio* como *rationis imago*: a imagem é o conexo analógico que une conceito e palavra.
- ⁸ Existem alguns importantes pressupostos desta doutrina, assinalados por Zanlonghi (2002): a afinidade entre a imagem e a realidade (devida ao fato de que ela tem uma função mediadora da realidade); e o valor objetivo do conhecimento sendo as espécies sempre intencionais, ou seja referidas a uma realidade exterior à alma. Para ser comunicável, o conceito necessita encarnar-se de novo, num meio sensível: voz, gesto, música.
- ⁹ Zanlonghi explica também o motivo do *quasi* da frase de Soarez: o conhecimento estabelece uma relação de semelhança entre a coisa e a palavra nunca totalmente adequada à realidade (isto depende da finitude do humano conhecimento). Uma expressão do limite do conhecimento humano é a fórmula: *intelligere multipliciter*. São Tomás afirma haver uma multiplicidade de atos de conhecimento, pois a intelecção varia conforme os sujeitos e os objetos do conhecimento: "A verdade entendida, no sentido da Escolástica, como *adequatatio intellectus ad rem*, reconhece a multiplicidade dos pontos de vista. O proceder do conhecimento humano a partir do sensível, conforme um percurso de desenvolvimento gradual, funda a variedade das perspectivas propostas pela retórica" (2002, p.206).
- ¹⁰ "Quid enim admirabilius esse potest, per tenuissimos aurium meatus singulari opere artificioque perfectos in alienos animos introire, atque in eis tam perfecte tam insigniter imprimere speciem suam ut moerentes consoletur, torpentes excitet, afflitos erigit, inani laetitia elatos cohipeat et in quamvis denique motum auditorem impellat?" (Soares, 1580, p. 207)
- ¹¹ Um exemplo disto é a pregação de Paulo Segneri: SEGNERI, P., *Quaresimale*, Em: RAIMONDI, E., *Trattatisti e narratori del Seicento*, in: *La Letteratura Italiana*, volume 36 , Milano-Napoli, Ricciardi, 1965, pp-656-690. TESAURO, R., *Il giudizio*, 1625. Em: RAIMONDI, idem, pp. 10-18.